

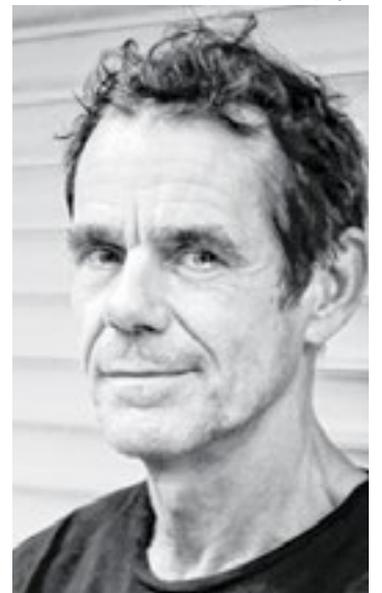
Joachim Gern/Divulgação

A luz que vem da Alemanha

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao marcar a volta do realizador Tom Tykwer às telonas, com 'Das Licht', a Berlinale festeja a luta do cinema germânico para driblar entraves financeiros e firmar novas vozes autorais



A costumada ao longo dos últimos dez anos a abrir sua programação com produções cheias de astros hollywoodianos ou estrelas europeias de fama global, a Berlinale optou pela prata da casa como abre-alas de sua edição nº 75, na última quinta, e trouxe de volta uma grife autoral da década de 1990: Tom Tykwer. Egresso de Wuppertal, o cineasta inaugurou a maratona cinéfila anual de sua pátria com "Das Licht" ("The Light"), que entra em circuito por lá em março. Sua escalação reflete o interesse da nova curadoria do evento, presidida por Tricia Tuttle (uma americana da Carolina do Norte), em celebrar a indústria germânica, no que ela tem de mais inventivo. Ao mesmo tempo que convidou uma produção inédita (e refinada) como cartão de visitas de sua gestão, Tricia promove uma retrospectiva de filmes de gênero (thrillers e longas de horror) germânicos da década de 1970, referentes à vida que havia naquele país nos tempos do Muro que dividia a Alemanha entre Oriental e Ocidental. Em respeito à pátria que a contratou como diretora artística de sua maior mostra competitiva, ela homenageia o chefe da Deutsche Kinemathek, o pesquisador Rainer Rother, com um troféu honorário, a Berlinale Camera.

"Este é um festival que sempre demonstrou escuta, sendo atento com o direito ao debate e o direito às diferenças desde que comecei a trabalhar com cinema", disse Tricia ao mediar a coletiva do júri oficial, presidido pelo diretor



Frédéric Batier/ X Filme Creative Pool

'Das Licht' (The Light), de Tom Tykwer, abre a programação da Berlinale 2025

Todd Haynes.

Criou várias janelas para que o cinema alemão pudesse se ver e se repensar, avaliando suas crises econômicas recentes. "Fazer um cinema refrescante para o olhar custa e arrumar dinheiro na Alemanha para filmar é difícil", disse Tykwer, que já dirigiu Tom Hanks, Halle Berry, Clive Owen, Dustin Hoffman e Hugh Grant no passado e, hoje, aposta num elenco de estrelas de sua nação em "Das Licht". "Existe sempre o desafio de filmar sem ser kitsch".

Sua obra teve retumbância mundial durante o redesenho do audiovisual germânico na conversão do cinema analógico (em película 35mm ou 16mm) para

o digital, na década de 1990. Os cults "Winter Sleepers – Inverno Quente" (1997) e "Corra, Lola, Corra" (indicado ao Leão de Ouro de 1998) fizeram sua fama. O novo exercício de sua autoridade, "Das Licht", investiga as práticas de incomunicabilidade (e de privilégio social) de uma metrópole. Nesse drama com toques não realistas de musical, uma família se amontoa num apartamento a administrar mal suas desarmonias. O casal Milena (Nicolette Krebitz) e Tim (Lars Eidinger) lidera esse arranjo familiar, mas parece incapaz de ter prazer ou de manter uma interseção de olhares. Embora as complexidades do dia a dia distanciem seus integrantes,

eles ainda preservam algum amor, mesmo incapazes de criar consensos sentimentais. A sequência em que comem macarrão na manteiga coletivamente traduz a incapacidade que todas aquelas pessoas têm em disfarçar seu enfado um com o outro. Quando passa a conviver com a síria Farrah (vívuda por Tala Al-Deen), contratada como governanta, esse clã terá novas lições de empatia. O desempenho de Eidinger arrebatou elogios.

"Eu passei os últimos anos (desde 2016) dedicado à série 'Babylon Berlin', reconstituindo a vida sob a ótica do que os nossos antepassados, nossos tataravôs, viveram. Chegou uma hora de ver como as crianças e os jovens adultos entendem o mun-

do", disse Tykwer, que arrebatou o festival com a sequência de uma corrida de bicicletas que evoca a Nouvelle Vague francesa, com direito a perseguição policial sob a chuva. "Quería celebrar 'Jules et Jim' numa reflexão sobre o desejo".

Apesar de Alemanha ter escolhido um filme iraniano ("A Semente do Fruto Sagrado", do qual foi coprodutora) como seu representante oficial ao Oscar 2025, ela atravessou 2024 emplacando seus talentos de prestígio nos grandes festivais internacionais e em circuito, como "Stella. One Life", "Cuckoo", "De Hilde, Com Amor" e "A Arte do Caos". A diversidade de gêneros, da comédia ao thriller, foi grande, atestando o vigor de seu cinema. De tudo o que se viu de lá no ano passado, nada ecoou tão forte quanto "Dying – A Última Sinfonia" ("Sterben"), de Matthias Glasner, com o já citado Eidinger. Estreou na Berlinale passada e saiu dela com o prêmio de Melhor Roteiro. É um longa que, ao lado de "Das Licht", renova uma filmografia consagrada, sobretudo nos anos 1970, pelas vozes autorais de Wim Wenders, Volker Schlöndorff, Margarethe von Trotta, Rainer Werner Fassbinder e Werner Herzog. Dos anos 2000 para cá, Maren Ade ("Toni Erdmann"), Christian Petzold ("Undine") e Fatih Akin ("O Bar Luva Dourada") se juntaram a esses medalhões, que, via Áustria, tiveram Michael Haneke (de "A Fita Branca") e Ulrich Seidl ("Paradise: Faith") como expoentes.

A Berlinale termina no dia 23.